

Performance

22, 23 Novembro 2011

Integrado no Festival Temps d'Images

# Não se vê que sou eu mas é um retrato de Rita Natálio

Artista convidada Luciana Fina

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



**Direção artística** Rita Natálio **Artista convidada - criação instalação cénica** Luciana Fina  
**Performers** Cláudio da Silva, Carla Bolito, Nuno Lucas **Participação especial** Stanislaw Talejko  
**Texto original** Rita Natálio e **escrita colectiva de** Carla Bolito, Cláudio da Silva e Nuno Lucas  
**Desenho de luz** Carlos Ramos **Desenho de som** Rui Dâmaso e Pedro Costa **Música original** Ana Gandum,  
letra de Miguel Coelho **Fotografia** Inês Abreu e Silva **Produção** O Rumo do Fumo  
**Co-produção** O Rumo do Fumo, Festival Escritas na Paisagem, Município do Fundão /  
A Moagem - Cidade do Engenho e das Artes, Fundação Caixa Geral de Depósitos -  
Culturgest e Festival Temps d'Images **Residências Artísticas** A Moagem - Cidade do Engenho  
e das Artes, Fundão, Alcantara e O Rumo do Fumo **Parcerias** Centro de Investigação  
e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-ISCTE)  
**Agradecimentos** Andrea Sozzi, João Ribeiro, Magda Bull, Luísa Veloso, Sofia Dias e Vera  
Mantero **Agradecimento especial a todas as pessoas que participaram no processo de criação desta peça** Em Lisboa:  
Alberto Pimenta, Aissato Dajaló Baldé, Ana Hatherly, Andresa Soares, Carlos  
Natálio, Carlos Gomes, Gonçalo Pereira, Luísa Veloso, Lígia Soares, Sofia Dias,  
Stanislaw Talejko, Vítor Roriz. No Fundão: Ângela Duarte, Amanda Guapo, Bruno  
Fonseca, Carlota Madeira Inês, David Josué Oliveira, Daniela Carvalho, Francisco  
Tavares, Fábio, Ivan, José Lopes Correia, Joaquim Caldeira, Jerónimo Mateus, Maria  
da Lurdes Brito, Maria Anunciação Amaral, Maria Tavares, Marco Fonseca, Miguel  
Cardoso, Paulo Santareno, Ricardo Brito, Sara Tavares, Vítor Almeida.  
O Rumo do Fumo é uma estrutura financiada pela DgArtes Presidência do Conselho  
de Ministros - Secretaria de Estado da Cultura

**Na terça-feira dia 22 de Novembro, após o espectáculo,  
haverá uma conversa com os artistas no Pequeno Auditório**

**Ter 22, Qua 23 de Novembro**  
**21h30 · Pequeno Auditório · Duração aprox. 1h15 · M12**

*Então ela tentou um trabalho subterrâneo da destruição da fotografia, fazia ou dizia coisas tão opostas à fotografia que esta se eriçava na gaveta. A sua esperança era tornar-se mais viva que a fotografia. Mas o que aconteceu? Aconteceu que tudo o que o ser fazia só ia mesmo retocar o retrato, enfeitá-lo.*

Clarice Lispector

*Cada elemento deste texto, assim como o texto na sua totalidade devem simultaneamente ser vistos como espelho e como vidro.*

Siegfried J. Schmidt

Todo o século vinte e um é um trinta e um. *Não se vê que sou eu mas é um retrato* é uma ficção teatral e plástica a partir de encontros com portugueses entre os 9 e os 90 anos sobre as suas vidas e a suas noções de comunidade. A base fornecida por este conjunto de entrevistas é alterada, expandida e conectada por um trabalho de escrita de ficção e de encenação que contém simultaneamente o imaginário singular de cada participante e a sua diluição numa visão de conjunto.

De perto, cada indivíduo está entre dois ou vários, pertencendo a todos e a nenhum, sem no entanto pertencer-se. De longe, há a escrita que veste e despe personagens que nos vão falando das sedes deste século. Perguntamo-nos o que aconteceria se mais de 30 pessoas que não se conhecem à partida, ficassem presas numa sala e tivessem apenas uma hora para gerir as suas diferenças e encontrar forma dali saírem? *Não se vê que sou eu mas é um retrato* é feito

deste cruzamento caleidoscópico de testemunhos reais, utopias de vida em conjunto, desejos, ideias de comunidade, sedes e regras de mecânica inventada.

Durante o processo de criação da peça descobri como as narrativas - individuais ou colectivas - funcionam como automatismos que acontecem à revelia dos eventos e dos desejos. Mesmo na tentativa de composição mais fragmentária e des-síncrona desenha-se um atlas de sentido. Parece inevitável: tal como nas leis da matemática bastam dois pontos para formar uma linha, bastam dois eventos para edificar o princípio de uma história comum, bastam duas pessoas para formar uma ideia de comunidade. Procurei aceitar esta condição, aplicando à dramaturgia deste trabalho elementos que vejo acontecer no movimento das nuvens, pensando a ideia de comunidade e identidade como algo temporário, em movimento permanente e ininterrupto.

Rita Natálio

Em continuidade com o anterior *Nada do que dissemos até agora teve a ver comigo*, também ele construído a partir de depoimentos, Rita Natálio convida para este novo projecto Luciana Fina que colocará em diálogo o seu trabalho em torno do retrato fílmico.

Quodlibet ens não é “o ser, qualquer ser”, mas “o ser que, seja como for, não é indiferente”...

(Giorgio Agamben)

Encontrei as pessoas que contribuíram para o processo de pesquisa desta peça durante as residências de criação, no Fundão e, meses mais tarde, em Lisboa. Cada pessoa foi convidada a preparar-se para um retrato, a repensar a necessidade, a experiência, a ilusão, o tempo de um retrato. Alguns destes retratos acompanham-me num questionamento até ao palco. Memória, desejo e acontecimento, qual desses tempos conjuga o retrato? Fala ele no singular, ou no plural? O sujeito não quer aqui significar uma identidade determinada, pelo nome, pela pertença a um grupo ou classe social, ou pela genérica ausência de pertença, está aqui essencialmente a designar a singular condição de representar-se e ser representado, a conjugar um tempo de que nós, perante a sua representação, fazemos parte. Ele parece, tem ar de, deve ser... um ser “qualquer”, singularidade exposta. No espaço cénico, os retratos de figura inteira convivem sugerindo a inquietação de uma narração, activando a hipótese de uma comunidade, não constituída, mas possível.

Luciana Fina

#### **Excertos de escrita colectiva realizada durante o processo de criação:**

*A minha desfortuna é contínua. Amargamente suponho ser extraordinária a relação quasi-inconsciente dos corpos que constituem o nosso plano existencial. Não sei. Não sei. Se estou aqui é necessariamente porque procuro. Quando digo aqui falo subtilmente do panorama de espectros que também somos e transportamos. Há muita gente que corre connosco. Está sentada em cima da mesa com testemunhos, pensamentos, impressões. Muitas vezes impressos em papel ou registados em vídeo ou simplesmente naquilo que fomos, estamos sendo ou seremos uns para os outros. Desde sempre... não, não é desde sempre. O “sempre” é uma forma de dizer que apenas agora é. Tenho tido a sensação de não ignorar o que somos uns para os outros. Estranhos. Gente que partilha pré-conceitos mútuos. Um espaço de erro. Ruído e não sei que outras palavras ou conceitos se podem encontrar para calcular o que vai de mim até ti. Não me interessa falar do outro se não falar de como este que aqui está agora me afecta. Não são questões biográficas, não são questões de dia-a-dia partilhado mas o que escapa entre uns e outros. O que escapa e não se agarra nunca. Não é que me proponha agarrá-lo. O que hoje é acidental é acidente. E de repente morri. Parti o que queria que fosse lógico no meu discurso e a minha mão dói. E o meu estômago sofre da ideia de tentar dizer o que estou tentando dizer com um pequeno micro-segundo de avanço em que preparo a próxima palavra. Calculo. Calculo. E daqui não estou saindo. E depois penso que saí*

*pela janela e fui até há umas horas atrás quando dois homens abriam o esgoto na esplanada e surpreendentemente...*

Cláudio da Silva, Setembro 2010

*Ali as pessoas usam aparelhos nos dentes, têm oito ou oitenta anos, vão ao Google e gostam de aviões porque se casam todas com os donos das empresas que os constroem. Ali há gente que vai ao cinema e afunda-se no Titanic. Ali há gente que quer saber de protagonistas e poesia experimentalista. São todos concretos. E todos, todos mesmo, usam canetas de tinta permanente Parker com tampas de ouro para escrever as suas memórias, como os filhos que morreram em acidentes de viação ou os pais que se separaram e foram viver para a Polónia. Ali os cadáveres precisam da sorte e alguns são escritores e também são doutores e vivem dezassete anos refugiados na Alemanha. Ali há uma comunidade que tem nostalgia do pior, toca piano com agulhas de coser. Ali, o nome Sol tem significado porque aquece o planeta Terra e anda à volta... eheheheh... o Sol não anda à volta, estava a enganar-te. Não foi ali que Hitler finalmente descobriu que podia ser assim tão mais simples. Mas foi ali, para as mulheres dali que o Khadafi – que nem sequer é doutor – endereçou convites para jantar. Numa Happy Hour. E todos, mas mesmo todos, pensaram ao mesmo tempo que hoje o Boss não vinha e iá tibiá liubliu mais qualquer coisa imperceptível enviada por mail. Ali, eu queria voar mas descobri que a minha vida não foi realizada para sonhar porque uma pessoa é mais ou menos um ser-vivo.*

Cláudio da Silva, adaptado por Rita Natálio, Julho 2011



## Rita Natálio

Nasceu em Lisboa em 1983. Estudou História na Universidade Nova de Lisboa e Artes do Espectáculo Coreográfico na Universidade de Paris VIII e fez o Curso de Pesquisa Coreográfica do Fórum Dança 2006.

A sua actividade principal tem-se centrado na área da dramaturgia, tendo colaborado com João Fiadeiro, Vera Mantero, Cláudia Dias, Guilherme Garrido, Pieter Ampe, António Pedro Lopes, Marianne Baillot e João Lima, entre outros. Desde 2008, começou igualmente a desenvolver o seu próprio trabalho. Colaborou com Ivo Serra em *Tela* e no pequeno filme *Looking back into the future* (Menção Honrosa FICAP 2008). Dirigiu o projecto de improvisação *Nada do que dissemos até agora teve a ver comigo* com estreia e criação na Fundação de Serralves no âmbito do CICLO DOCUMENTE-SE! e encontra-se actualmente a desenvolver o projecto *Não entendo e tenho medo de entender, o mundo assusta-me com os seus planetas e baratas* com Elizabete Francisca.

Trabalhou igualmente com a estrutura RE.AL criada por João Fiadeiro, na coordenação e acompanhamento de projectos de investigação e pontu-

almente como professora no PEPCC (Fórum Dança). Colabora com projectos ligados à documentação e crítica em artes performativas (festival Alcantara, rede DÉPARTS). Faz ainda parte da rede internacional de artistas Sweet&Tender Collaborations ([www.sweetandtender.org](http://www.sweetandtender.org)).

© Moritz Elbert



## Luciana Fina

Nasceu em Bari (Itália), vive e trabalha em Lisboa desde 1991.

Após a formação em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês), é durante muitos anos programadora independente na área do cinema, colaborando principalmente com a Cinemateca Portuguesa (1991-1998) e outras instituições em Portugal, Itália, França e Brasil. É igualmente responsável por diversas publicações de cinema.

De 1993 a 1996 integra a companhia RE.AL de João Fiadeiro e a direcção artística dos LAB projectos em movimento, laboratórios de criação artística interdisciplinar, tendo também criado as instalações filmáticas e fotográficas para as peças *Branco Sujo* (1993) e *Recentes Desejos Mutilados* (1994).

Em 1998 realiza o seu primeiro filme. Desde então dedica-se ao cinema docu-

mentário e realiza: *A Audiência* (1998), *Crashlanding em Lisboa e Jérôme Bel, le film* (1999), *24H* e *Outra Terra e Ninguém é perfeito* (2001), *Taraf, três contos e uma balada* (2003), *O Encontro* (2004), *Le Réseau* (2006), *Language Movements* (2010), *Portraire* (2011).

A relação entre o cinema e as artes tem sido fulcral em todo o seu trabalho. Optando por diversificar formas e estratégias de criação, migra frequentemente da sala cinematográfica para os espaços de exposição, do campo do cinema para o das artes visuais.

Com Moritz Elbert, cria a instalação *site specific CCM a máquina do medo*, e as séries fotográficas para as publicações do Festival Alcantara e para o Teatro Municipal Maria Matos.

Desde 2003, tem trabalhado o retrato fílmico, dando vida a uma série de instalações reunidas sob o título *O Tempo de um Retrato: CHANT portraits, MOVEMENT, VUE, REFLECTION* e *HORS SUJET portraits* (2003-2009).

Tem apresentado os seus filmes e instalações em contexto nacional e internacional (França, Itália, Suécia, Noruega, Inglaterra, Espanha, Brasil, México, Uruguai). Um novo projecto de documentário encontra-se em fase de realização. [www.lucianafina.net](http://www.lucianafina.net)

## Carla Bolito

Nasceu na Beira, em Moçambique. Frequentou o curso de teatro do IFICT e do Instituto Franco-Português, Lisboa. Trabalhou com os seguintes encenadores: João Brites, Luís Miguel Cintra, José Peixoto, Ana Nave, Lúcia Sigalho, Jorge Silva Melo e Carlos J. Pessoa, entre outros.

© José Frade



No cinema, destaca o trabalho com os seguintes realizadores: Joaquim Sapinho, Fernando Vendrell, Margarida Cardoso e Cristián Jimenez. Ganhou o prémio de Melhor Actriz do Festival Espoirs de Demain, Genebra (1996) com *Corte de Cabelo*, de Joaquim Sapinho, e o prémio Shooting Star do Festival de Berlim (2002) com *O Gotejar da Luz*, de Fernando Vendrell. Em dança, trabalhou com Clara Andermatt e Olga Roriz.

Encenou os seguintes espectáculos: *Areia*, Teatro-Fantasma, em parceria com Cláudio da Silva, *Transfer* (autora do texto) e *Sentido Portátil*. *Transfer* foi editado pela 101 Noites, através do Concurso de Apoio às Novas Dramaturgias do IPLB.

## Cláudio da Silva

Nasceu no Huambo, Angola, e chegou a Portugal como refugiado de guerra. Cresceu nos subúrbios de Lisboa. E foi em Lisboa que concluiu a licenciatura em Línguas Estrangeiras Aplicadas e o bacharelato em Estudos Teatrais.

Tem trabalhado em teatro, dança, cinema e *performance*. Entre outros, trabalhou com Artistas Unidos, Teatro Praga, Teatro Experimental do Porto,



Miguel Loureiro, Teatro da Garagem, Emmanuel Demarcy-Mota, Inês de Medeiros, Manuel Wiborg, Solveig Njorlund, Jorge Cramez, Jeanne Waltz, João Fiadeiro, Madalena Victorino, Miguel Pereira, Ana Borralho & João Galante e apresentou espectáculos em Portugal, Inglaterra, França, Itália e Canadá. Prémio Autores SPA/RTP melhor actor de cinema 2011.



## Nuno Lucas

Nasceu em Portugal. Actualmente reside entre Lisboa e Paris.

Entre 1989 e 1991 viveu na ilha da Madeira onde iniciou os seus estudos de música.

Em 2001 participou no seu primeiro *workshop* de dança e estreou-se como intérprete com o coreógrafo Miguel

Pereira no Teatro Nacional D. Maria II. Em 2003 é convidado por João Fiadeiro para conceber esboços coreográficos no LAB10. Em 2004 finaliza a licenciatura em Economia na Universidade Nova, Lisboa. Posteriormente, foi co-autor e *performer* com Cláudio da Silva e Martim Pedroso em *Weekend* (2006). Em colaboração com Hermann Heisig concebeu e interpretou *Pongo Land* (2008) e *What comes up, must go up* (2009) este último no contexto do projecto europeu Looping. Apresentou trabalho em Portugal, França, Alemanha, Holanda e Suíça. Na sua formação foram determinantes os cursos de pesquisa e criação coreográfica no Fórum Dança e no ex.e.r.ce no CCN Montpellier, sob a direcção de Mathilde Monnier e Xavier le Roy, onde foi bolseiro da Fundação Gulbenkian. Pertence à rede Sweet&Tender Collaborations. Em Janeiro de 2011 estreou na Culturgest *Trompe le Monde* em colaboração com Márcia Lança.



## Rui Dâmaso

Fez o Curso de Sonoplastia do IFICT e estagiou no Hollandia Theatre Group, em Amesterdão. É autor de várias sonoplastias em encenações de Aldona

Skiba-Lickel, Marina Albuquerque, Nuno Cardoso. Desenhador e operador de som em espectáculos de Meg Stuart, Vera Mantero, Mark Tompkins, João Fiadeiro, Steve Paxton, Mónica Lapa e Nuno Rebelo. Participou como baixista em concertos com ACID MOTHERS TEMPLE, Damo Suzuki, Rhys Chatham, Victor Rua, Marco Franco, Rita Braga. É baixista e guitarrista dos LOOSERS. É baixista dos GALA DROP.

© António Ferreira



## Pedro Costa

Tem formação técnica em Som (Restart, Lisboa), Sound System Design e Optimization (Meyer Sound Labs, Berkeley CA), e captação e gravação de som com José Fortes.

A sua actividade tem-se dividido entre espectáculos de teatro, dança, *performance*, música e cinema, tendo assinado vários trabalhos de sonoplastia, desenho de som e criação musical para diversos criadores, entre os quais se destacam: Jorge Silva Melo, João Brites, João Lourenço, José Neves, Daniel Gorjão, Rui Horta, Ana Borralho de João Galante, Renato Godinho, Cláudio Hochman, Jo Stromgren.

Tem desenvolvido com José Neves, peças radiofónicas, como *Sr. Henri de*

Gonçalo M. Tavares(TMG), *Cartas de Guerra* de António Lobo Antunes (Teatro Municipal S. Luiz) e *Chove em Barcelona* de Pau Miró (Artistas Unidos).

© Susana Paiva



## Carlos Ramos

Possui o Curso de Luminotécnico, IFICT (1991) e o Curso de Cinema, Área de Produção, ESTC (1995). Como desenhador de luzes destaca o seu trabalho com Clara Andermatt, Francisco Camacho, Real Pelágio, Vitor Rua, Miguel Pereira, Aldara Bizarro, Filipa Francisco, Rui Chafes, Raiz di Polon e Duarte Barrilero Ruas. Fez parte da direcção técnica dos Festivais Mergulho no Futuro/EXPO 98, PoNTI 2001/TNSJ e Artemrede, é o Director Técnico do Festival Alcantara desde 2002 e do Festival Citemor desde 2008. Professor da Escola Superior de Dança da Unidade Curricular de Produção desde 2007. Paralelamente trabalha esporadicamente em produção de cinema, com a produtora O Som e a Fúria, onde realizou a sua primeira curta-metragem *Um Circulo Perfeito*, em 2003.



## Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de acções, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto

de medidas adicionais, estando prevista uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas acções não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projecto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos *Voluntary Carbon Standard* (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

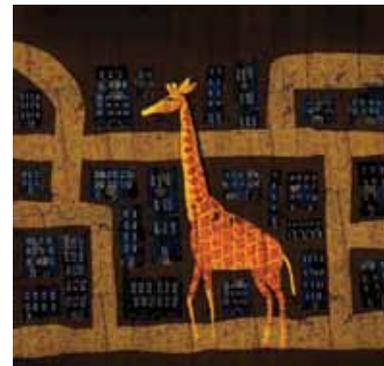
Mais informações em: [www.cgd.pt/Institucional/Caixa-Carbono-Zero](http://www.cgd.pt/Institucional/Caixa-Carbono-Zero)



## Próximo espectáculo

# Tristeza e Alegria na Vida das Girafas de Tiago Rodrigues

**Teatro** Qui 24, Sex 25, Sáb 26 Novembro  
Grande Auditório · 21h30  
Duração aproximada: 2h15 · M16



© Afonso Cruz

**Texto e encenação** Tiago Rodrigues **Intérpretes** Carla Galvão, Miguel Borges, Pedro Gil e Tónan Quito **Música e sonoplastia** ALX **Cenário e figurinos** Magda Bizarro e Tiago Rodrigues **Luz e apoio técnico** André Calado **Imagem do cartaz** Afonso Cruz **Produção executiva** Ana Pereira e Magda Bizarro **Produção** Mundo Perfeito & AnaPereira.PedroGil **Co-produção** Mundo Perfeito, AnaPereira.PedroGil, Culturgest e TAGV

*Tristeza e Alegria na Vida das Girafas* é a história duma menina de 9 anos que atravessa a cidade de Lisboa em busca da única pessoa que pode ajudá-la: o primeiro ministro Pedro Passos Coelho.

Neste espectáculo, Tiago Rodrigues volta a usar o teatro para tentar interferir com a nossa percepção da realidade social e política, mas também do próprio teatro. E fá-lo através da voz de uma criança que apresenta um trabalho escolar e empreende a tarefa enciclopédica de tentar explicar o mundo.

Desse estranho mundo chamado Lisboa fazem parte a crise económica, a aventura heróica de um urso de peluche com tendências suicidas chamado Judy Garland, o Discovery Channel, uma violinista que já é só uma fotografia, um pantera negra, o dicionário escolar da editorial Sampaio, o cientista búlgaro ou dramaturgo russo Anton Tchekhov e uma menina alta demais para a sua idade a quem a mãe chamava girafa.

Mergulhado nas trevas esperançosas do imaginário infantil, este espectáculo tem medo do que as crianças pensam e raiva do que os adultos fazem.

#### Conselho de Administração

##### Presidente

António Maldonado

##### Gonelha

##### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

##### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

##### Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Joana João estagiária

##### Direcção de Produção

Margarida Mota

##### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

##### Exposições

##### Coordenação de Produção

Mário Valente

##### Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

##### Culturgest Porto

Susana Sameiro

#### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

#### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

#### Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

#### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

#### Direcção Técnica

Paulo Prata Ramos

#### Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

#### Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

#### Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

#### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

#### Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Artur Brandão

#### Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

#### Frente de Casa

Rute Sousa

#### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

#### Recepção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

#### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

#### Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

---

**Culturgest, uma casa do mundo**

---